

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA SALA DE AULA

*Renata Helena dos Santos (UERJ)*

TALVEZ UM DIA ...

Talvez um dia minha escola seja fantástica, é fantástica. Como um lugar legal em que os alunos viessem por querer vir, não por ser obrigado.

Talvez um dia nós alunos iremos ter uma escola sem violência. Como uma escola repleta de paz.

Talvez um dia a nossa escola seja divertida com mas ensinamentos e quem sabe aulas de espanhol.

Talvez um dia a nossa escola tenha alunos exemplares que dê orgulho em tê-los.

Talvez um dia a nossa escola tenha o menor número possível de faltas.

Talvez um dia a nossa escola pública seja idêntica a uma particular e quem sabe nossa escola seja um exemplo de educação.

(Felipe Sabino de Oliveira, aluno da 5ª série do Colégio Estadual Carlos Marighella)

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, o efeito da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (Paulo Freire, 1983)

APRESENTAÇÃO DO TEMA

No presente trabalho, serão apresentadas algumas variações lingüísticas extraídas de situações do cotidiano escolar.

Devemos ficar atentos para alguns “erros” que, na verdade, são a utilização de uma regra não padrão em que o professor tende normalmente a apreender, fornecendo ao aluno a variante padrão como a única norma legítima e prestigiada pela sociedade.

Apesar dos vários estudos existentes sobre a variação lingüística, essa questão ainda é muito complexa e gera dúvidas e controvérsias. Basta ver como o assunto é tratado nos manuais escolares de ensino fundamental e médio. Este trabalho é uma reflexão sobre a importância da va-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

riação lingüística, especialmente os aspectos semânticos e sintáticos, e suas implicações no ensino de Língua Portuguesa.

Ao trabalhar com o conceito de variação lingüística, estamos pretendendo demonstrar que a língua portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme em todo o território brasileiro, e desta mesma forma há essa variação na sala de aula. Se regionalmente conseguimos entender essa distinção lingüística, por que não a conseguimos no nosso cotidiano escolar?

Outro fato importante a ser tratado no presente trabalho é que não há hierarquia entre os usos variados da língua (ao contrário do que pensamos), assim como não há uso lingüisticamente melhor que o outro. Em uma mesma comunidade lingüística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior.

O *corpus* será na forma de redações escolares de alunos de 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries do Colégio Estadual Carlos Marighella, no bairro Itaoca na cidade de São Gonçalo, adotadas pela Professora de Língua Portuguesa Maria José de Souza Santos Candido.

A partir das análises das redações citadas procuraremos discutir a distância entre a língua que a criança traz, ao ingressar no sistema escolar, a que efetivamente usa – seja em situações de fala, seja em atividades de escrita, dentro ou fora da sala de aula – e aquela padronizada pela Gramática Tradicional.

Assim, o trabalho tem como objetivo demonstrar as relações existentes entre o uso da língua, o falante e as variantes padrão e não padrão.

## JUSTIFICATIVA

Os estudos da linguagem abordam temas empenhados na documentação-descrição da língua falada pelos brasileiros das classes privilegiadas, nascidos e criados em zona urbana e inseridos na cultura letrada. Porém a proposta é o contrário disso. As diferenças lingüísticas, muito chamadas de “erros”, decorrentes de critérios de avaliação, são punidas e severamente cobradas aos nossos alunos. A necessidade do aprendizado norma padrão da Língua Portuguesa, está cada vez mais distante. Nota-se uma dificuldade e ao mesmo tempo uma negligência ao tratar o fato. Os chamados “erros” que nossos alunos cometem têm explicação no próprio

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, devem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica.

As redações usadas no trabalho têm como proposta o entendimento mínimo da realidade do aluno e das suas respectivas limitações em aprender essa tão cobrada norma culta.

A norma padrão vem estigmatizada como correta e imutável. Porém, o que se deve entender é que, na sala de aula, como em qualquer outro espaço social, encontramos grande variação no uso da língua. Em todos os domínios sociais há regras que determinam as ações que ali são realizadas. O grau dessa variação será ainda maior em alguns domínios do que em outros.

E é nesse momento, em sala de aula, que o aluno usa flagrantemente uma regra não-padrão e o professor intervém, fornecendo a variante padrão. Essas duas variantes se justapõem, causando então o conflito.

Chegamos ao ponto de discussão do projeto.

### OBJETIVO GERAL

Desmitificar o fato de que qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada, feia, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Fazer com que o leitor entenda que os alunos não precisam da gramática como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua “bonita, correta e pura”. Os “erros” não são heresias contra os dogmas gramaticais. E a gramática seria uma definição, identificação e localização da língua usada e descrição clara e objetiva com critérios teóricos e metodológicos coerentes da língua padrão (não a culta, mas a **usada!**).

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Avaliar as redações de alunos de 5ª e 6ª séries, na tentativa de entender, através das suas produções escritas, como e porque ocorrem variações lingüísticas neste contexto.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Compreender como estudantes letrados através das escolas públicas não conseguem seguir essa tal “norma culta”.

### QUESTÕES DE ESTUDO

#### *Gerais*

- Como ensinar Língua Portuguesa aos alunos de escola pública, com base em suas condições sociais?
- A aplicação de estratégias sociolingüísticas potencializaria a produção escrita dos mesmos?

#### *Metodológicas*

- Que história, através do tema “Como você vê a sua vida?” e “A Escola Ideal”, o aluno apresenta quanto a escrita? Quais fatores influenciam nesta situação?
- Quais as principais dificuldades que esse aluno apresenta ao redigir um texto? Seu texto é coerente?
- Como o aluno recebe os temas acima?
- Qual a receptividade quanto a proposta da redação por parte do aluno? Ele demonstra algo em especial, ou seria só mais um trabalho comum?

### METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada nas análises das redações será de leitura das mesmas, marcar os seus supostos "erros", e analisá-los a luz da sociolingüística, entendendo assim a questão do letramento<sup>20</sup>.

#### *O que é letramento?*

Letramento não é um gancho  
Em que se pendura cada som enunciado,  
Não é treinamento repetitivo

---

<sup>20</sup> Letramento – resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

De uma habilidade,  
Nem um martelo  
Quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão  
À leitura à luz de vela  
Ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,  
O tempo, os artistas da TV  
E mesmo Mônica e Cebolinha  
Nos jornais de domingo.

È uma receita de biscoito,  
Uma lista de compras, recados colados na geladeira,  
Um bilhete de amor,  
Telegramas de parabéns e cartas  
De velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,  
Sem deixar sua cama,  
É rir e chorar  
Com personagens, heróis e grandes amigos.

É um Atlas do mundo,  
Sinais de trânsito, caças ao tesouro,  
Manuais, instruções, guias,  
E orientações em bulas de remédios,  
Para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,  
Um mapa do coração do homem,  
Um mapa de quem você é,  
E de tudo que você pode ser

(McLaughlin & Vogt, 1996).

## ANÁLISE DAS REDAÇÕES

### *Tema 1*

O primeiro tema a ser trabalhado com os alunos foi: *Como você vê a sua vida?* Esse foi escolhido para que a análise possa ter embasamento na condição social dos alunos, assim explicando a sua forma de escrita. As variações socioculturais podem ser influenciadas por fatores ligados diretamente ao falante (ou ao grupo a que pertence), ou à situação ou a ambos simultaneamente. As variações lingüísticas estão associadas diretamente idade, a raça, a posição social, ao grau de escolaridade, ao local em que se reside na comunidade, dentre outros fatores. Ao tema tratado

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

nos especificaremos mais a questão social do aluno. Podemos dizer que, feitas as devidas ressalvas, cada posição social tem a sua linguagem, o saber lingüístico individual de cada aluno (por mais que alguns professores tendem a acreditar que alguns alunos não o possuem) varia de acordo com a cultura, posição social e instrução. E isso se torna algo imprescindível para um professor – entender essa variação e não o **erro**.

### Redações<sup>21</sup>:

#### *Minha Vida*

*O meu pai e a minha mãe se separaram eu e meus irmãos estamos morando com meu pai eu queria que a minha mãe voltasse eu sinto muita falta dela do carinho que ela me dava eu sinto muita falta.*

Fora disso eu sou feliz

eu  
  adoro  
    os  
      meus  
        amigo  
          e adoro  
            estuda

Fim

(Weverton)

#### *Eu sou Iago vou contar a minha vida.*

Eu nasci da barriga da minha mãe. A minha não é tão legal assim várias coisas já aconteceu na minha vida de ruim minha avô já foi assaltada, meu pai é um beerram só a minha vó minha mãe e minha irmã que são legais comigo e também alguns amigos da escola da sala da minha irmã.

E também da rua onde eu moro tem alguns amigos legais.

Na minha casa eu e minha mãe, minha avô e minha irmã estamos passando momentos difíceis mais eu tenho fé em Deus que tudo de ruim vai voltar ao normal.

Fim

(Iago Penna Leite)

---

<sup>21</sup> As redações foram reproduzidas no trabalho exatamente como os alunos escreveram em sala de aula.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

### *Minha vida*

Tudo começou em abril de 1993 eu nasci mais com 2 anos e 8 meses eu fui adotado e tenho esta família de hoje mais não acabou em 2000 mil eu gachei um irmão que hoje tem 6 anos o melhor momento é ter uma melhor impossível. esqueci eles nuca sempre amarei eles.

Rosas vermelhas

Rosas branca

O amor que

Te feis já não

Tem esperança.

(Thiago)

### *A minha vida*

A minha vida é legal pela família que eu vivo melhor momento e ter uma família com essa irmãs tam legal mais eu fico triste quando ele briga com migo.

Eu queria trabalha para ajuda a minha mãe porque ela merece ter essa vida de rainha porque ela fez muito pela agente.

A minha irmã so esta que trabalha minha mãe fica toda feliz.

Minha mãe quando ela se separou do meu pai ela não tinha nada mais ela largou o meu pai agora ela tenha tudo com esfoso agora ela e sempre vão ser minha mãe.

Os amigos ele são tam maneiro que eles fala de mim para falsa pessoa quem eu queria que seja meu amigo ele me traiu.

(Laricia)

Ao ler essas redações, como professora de português me perguntei: como avaliar? Como pegar a caneta vermelha e marcar os respectivos erros de gramática que elas trazem? Como chegar a esses alunos, mostrar seus erros, pedir para corrigi-los sem estragar seus sonhos de um futuro melhor?

Acredito que o ensino de português não se pode inspirar totalmente na gramática normativa. É necessário lançar dúvidas sobre o que está ali, questionar a validade daquelas explicações, filtrá-las, tomando inclusive como base seu próprio saber lingüístico, devidamente valorizado. Esses alunos têm sua gramática interna, passaram a sua comunicação. O ensino da gramática normativa mais estrita, a obsessão terminológica, a paranóia classificatória, um bom usuário da língua em sua modalidade

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

culta. O professor se esforça para que o aluno conheça de cor o nome de todas as classes de palavras, saiba identificar os termos da oração, classifique as orações segundo seus tipos, decore as definições tradicionais de sujeito, objeto, verbo, conjunção etc. – nada disso é garantia de que esse aluno se tornará um usuário competente da língua culta. Nós, professores, temos que conhecer nosso objeto de trabalho, porém os nossos alunos não têm que ter essa obrigação. Precisamos, portanto, redirecionar todos os nossos esforços para ajudá-los a descobrir novas maneiras de torná-los bons usuários da língua.

O domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica. Em outras palavras, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra e saber analisá-la é outra. Quer saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito “sobre” uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais. (Possenti, 1997: 53 e 54).

Nessas redações, reparem não existem erros de português, mas erros de ortografia, de gramática. Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática, ou até de muita pressão.

Percebemos, nas redações, que os erros eram os mesmos como falta de marcação do *s* plural, erros de pontuação e acentuação. Não nos referimos a diferenças por influências regionais, mas sim a variantes de hábitos dentro de uma mesma comunidade. Eles escrevem da mesma forma com que falam. Tratam-se então de variantes socioculturais.

Chegamos à conclusão: o aluno escreve como fala. Ele quer passar o conteúdo pedido no tema da redação sem exigir a norma culta para isso. Entendemos então que o nosso aluno não tem problema quando ao seu nível de letramento. Ao passar de uma forma ímpar seus conhecimentos de gramática internalizada, eles escreveram magnificamente sobre o tema proposto. As sentenças produzidas pelos alunos foram “bem formadas”, independente de serem próprias da chamada língua padrão ou de outras variedades.

É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas lingüísticas.

*O Papel da Escola*

Na escola pública temos uma realidade de pobreza, de abandono, de preconceito. Nestes tipos de condições teremos que ter um trabalho no qual possamos ajudar ao nosso aluno a se interessar pela matéria dada através de atividades diferentes, que dê um determinado valor ao que ele está fazendo.

Como poderemos dar um conteúdo que está totalmente voltado para a classe média e alta? Com um conteúdo feito para o ingresso no vestibular para os cursos mais concorridos, que dão mais *status* a classe dominante? Provavelmente a resposta será não. Temos que atingir a um estágio de amadurecimento que nos leve a entender que podemos mudar a realidade dos nossos alunos. Através da cooperação, do entendimento, do diálogo e do amor.

Primeiramente precisamos nos preparar emocionalmente para aceitar esses alunos como um outro legítimo na sociedade e não somente aceitar o nosso semelhante e sim o diferente. “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” (Freire, 1998).

Outro fator importante na qual precisamos nos perguntar é *Para quem serve essa educação?* Se temos caminhos diferentes a seguir dentro de uma mesma realidade e não mudamos a estrutura da educação, como poderemos alcançar esses diferentes objetivos? Como um aluno de escola pública poderá competir com de escola particular? Seriam duas corridas por lados opostos, onde o de escola pública correria pelo caminho mais longo e com mais obstáculos.

*A Competição Como Característica Humana*

A competição é um fenômeno cultural e não biológico, como afirma Maturana. Ou seja, a competição ocorre entre humanos ao buscar ideologias opostas. E o resultado é a vitória de um e, conseqüentemente, a derrota do outro, isto é, a sua negação.

O aluno de hoje está muito mais vinculado em conseguir uma posição boa no mercado de trabalho, só que para se conseguir esse objetivo tem que anular o conhecimento do outro para mostrar quem é o melhor. E é neste contexto que o educador trabalha.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Implicitamente estamos cooperando para essa competição através das avaliações excludentes, avaliações na qual nem todo aluno está preparado para fazer, não sendo essa a prova dele ser ruim.

No cotidiano escolar temos que trabalhar com atividades que mostrem o quanto o ser humano precisa ser aceito na sociedade, porém só com a ajuda do outro, pois se não aceitamos o outro, como queremos ser aceitos? Essas atividades têm que demonstrar que a competição não é sábia e que não se pode chegar a um lugar em que conseqüentemente um colega tenha que sair prejudicado.

Outra forma de competição na sala de aula é a capacidade que o professor tem de competir com o aluno. O educador não tem que medir forças com seu educando, uma vez que a relação é de total amizade e aceitação de regras de ambas as partes. A gramática reforça essa idéia por possuir regras muito bem estruturadas onde o aluno, se não souber não passa de ano.

O professor tem o seu espaço de mediador entre o aluno e o conhecimento que ele possui. E o aluno tem o papel de assimilar esse conteúdo, porém entender da melhor maneira possível para ele, que não poderá ser necessariamente a maneira que o professor quer. Essa competição pode até atrapalhar o processo de aprendizagem do aluno, que pode criar uma barreira em relação ao ensino de língua portuguesa.

### Razão X Emoção

Todo sistema racional se baseia em premissas fundamentais aceitas *a priori*, aceitas sim, aceitas porque as pessoas gostam delas, aceitas porque as pessoas as aceitam simplesmente a partir de suas preferências. (Maturana, 2001)

Essa afirmação nos mostra que todo sistema humano parte de premissas previamente aceitas e que todos defendem uma determinada idéia previamente estabelecida. Se isso acontece, como podemos agir de igual modo com pessoas tão diferentes? Como trabalhar com essas emoções aceitas diferentemente? São ideologias diferentes que talvez jamais serão resolvidas.

Nós, como educadores temos a missão de passar um determinado conhecimento utilizando-se da mediação dessas diferentes ideologias. Se conseguirmos ouvir o que cada aluno tem a nos oferecer, sugestões, dicas sobre a matérias, diferentes formas de aprendizado, poderemos chegar a um consenso e cada um poderá fazer um bom proveito disso.

*A Emoção contida nas Redações*

A linguagem, não surgiu para a manipulação, mas sim para o emocionar. Sendo assim, como podemos utilizar a linguagem dentro da sala de aula para a exclusão? Será que através da nossa relação com o emocionar não conseguiríamos mudar essa realidade?

Em nosso cotidiano escolar nos deparamos com situações onde um colega quer “pisar” no outro para conseguir a atenção do professor, e este se liga nesse aluno a ponto de excluir os outros, forçando um espaço de total desavença entre os colegas de classe. Na verdade o que deveria fazer sentido nesse contexto seria que o professor deveria ensinar a cooperação. Não quis mostrar, através desse trabalho as redações sem “erros” daqueles alunos que não tinham problemas familiares, mas mostra aquelas em que a realidade em que vivem, suas experiências de vida nos tornem capazes de entender a gramática linda que possuem.

Percebi que o colégio se tornaria uma segunda casa para os alunos onde eles encontrariam uma segunda família. Alguns alunos precisam ter verdadeiramente essa aceitação para se enxergar como um outro legítimo na sociedade e esse tem que ser o mais importante papel da escola atual.

*O Amor*

Ao falar de amor pensamos logo no amor romântico e não no amor que todos nós precisamos ter onde convivemos diariamente. Na escola o aluno passa a maior parte do tempo e como podemos querer que ele se sinta bem se não se pode ter amor e respeito em suas relações escolares?

Esse amor tem que começar por nós, professores que precisamos passar uma confiança para nossos alunos para que eles realmente se sintam em casa.

A questão do amor resume-se a essa possessão recíproca: possuir o que nos possui. Somos indivíduos produzidos por processos que nos precederam; somos possuídos por coisas que nos ultrapassam e que irão além de nós, mas de certo modo capazes de possuí-las. (Morin, 1999).

O amor nos torna capazes de dominar nossas ações com o outro e o aceitar como um legítimo na convivência. Assim o amor tem que estar inserido no nosso cotidiano, da mesma forma na escola.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

O professor que leciona sem amar o que está fazendo não conseguirá nunca transformar sua sala de aula num ambiente de ensino-aprendizagem, mas sim provocará a falta de vontade da parte dos alunos. O aluno tem que ter um espaço para ele também a ponto de se sentir importante dentro do seu local de estudo.

Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual o sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Freire. *Pedagogia da Autonomia*)

### *Tema 2*

O segundo tema a ser abordado foi *A Escola Ideal*. Através dele nós entenderemos o que o aluno espera da escola e qual é o seu real motivo de querer aprender, para que através disso saibamos que tipo de metodologia utilizar com eles.

### **Redações**

#### *A Escola*

A escola que eu estudo não é feia e nem bonita mas ainda pode mudar. Tenho muitos amigos legais como Grazielle ela e uma amiga que é igual a minha irmã.

Essa escola tem quase todas as carteiras enferrujadas, e também faltam muitos professores para nos da aula a gente quase não tivemos aulas por algumas semanas ficamos sem estudar. Mas além disso essa escola ainda tem muito para mudar. Todos os banheiros sujos e são muitos, pichados. Muitos alunos vai para a escola para ficar de brincadeiras, não fazem o dever nem de casa nem de aula. Mas além dessas coisas ainda tem os uniforme da escola eles ainda não deram para os alunos. Mas eu gosto muito dessa escola, essa escola tem alguns aluno que brigam muito. Tem alunos que vão para na direção e ainda tem que conversar com a diretora e pode ate sair da escola eu confio muito na direção.

(Emanuella Moisés)

Eu queria que a minha escola fosse com aulas de natação com os uniformes organizados por que nós alunos temos o direitos de ganhar por que muitas escolas uniformes.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Por que eu moro longe e pego dois ônibus alguns motoristas não dão carona porque não temos o uniformes.

As vezes que as pessoas chegam atrasada a portaria mandam embora algumas pessoas perdi as matérias.

Eu queria que mudasse isso.

(Grazielle Corrêa)

A escola da geita que ela não é

Que queria que minha escola tivesse uniforme aula de natação queria que minha escola tivesse aula de informática passeios, etc algum dia a nossa escola vai ser divertida tivesse estacionamento para as crianças bom na verdade eu queria que a escola tivesse amor

(Sara)

Uma Escola Melhor

Eu queria que a minha escola tivesse aula de informática uniforme para todos os alunos não só para os primários para o ginásio tom bem. Poderia ter aula de natação que tivesse passeio por que aqui não tem e quando tem ainda tem que escolher o que a escola melhoraremos. Só.

(Ermelita Corrêa)

Escolhi das redações escritas essas três, pois me emocionaram ao ver essa realidade. Como então deverá ser essa escola para o aluno. E mediante a tantas dificuldades, como ensinar a gramática normativa, será que se tornaria algo tão necessário?

A escola não pode ignorar as diferenças sociolingüísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem de propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem, negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas questões reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. Os alunos que chegam à escola, escrevendo como vimos nas redações acima, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades lingüístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões cultas. Não se lhes pode negar esse conheci-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

mento, sob a pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, como vimos, da ascensão social. O caminho para uma democracia é distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante.

### CONCLUSÃO

É bem sabido que ensinar é ainda mais difícil que aprender. Mas raramente se pensa nisso. Por que ensinar é ainda mais difícil que aprender?

Não porque o mestre deva possuir um maior acervo de conhecimentos e os ter sempre à disposição.

Ensinar é mais difícil do que aprender, porque ensinar quer dizer ‘deixar aprender’. Aquele que verdadeiramente ensina não faz aprender nenhuma outra coisa que não seja o aprender. É por isso que o seu fazer causa muitas vezes a impressão que junto dele nada se aprende. Isso acontece porque inconsideradamente entendemos por ‘aprender’ a só aquisição de conhecimentos utilizáveis.

O mestre que ensina ultrapassa os alunos que aprendem somente nisto: que ele deve aprender ainda muito mais do que eles, porque deve aprender a ‘deixar aprender’.

O mestre deve poder ser mais ensinável que os alunos.

O mestre é muito menos seguro de seu ofício que os alunos do seu. Por isso, no relacionamento do mestre que ensina e dos alunos que aprendem, quando o relacionamento for verdadeiro, jamais entram em jogo a autoritária do representante magisterial.

Por causa disso é ainda uma grandeza ser mestre – que é bem outra coisa que ser professor célebre. Se hoje – onde tudo é medido sobre o que é baixo e conforme ao que é baixo, por exemplo, sobre o lucro – ninguém mais deseja ser mestre, isso é devido, sem dúvida, ao que esta grande ‘coisa’ implica e à grandeza de si própria (Heidegger, 1973).

Acredito que, se cada professor entendesse qual é o verdadeiro sentido de ser um educador, conseguiríamos ensinar a arte de ler e de escrever e não anular os conhecimentos culturais dos alunos.

Será que a liberdade é uma bobagem?...  
Será que o direito é uma bobagem?...  
A vida humana é que é alguma coisa  
A mais que ciências, artes e profissões.  
E é nessa vida que a liberdade tem um

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Sentido, e direito dos homens.  
A liberdade não é um prêmio, é uma  
Sanção. Que há de vir.

(Mário de Andrade)

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2000.

———. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Loyola, 2000.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA Jr., Matoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 2004.

LEITE, Yonne e CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. Série Descobrimo o Brasil.

KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do Letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MARTIN, Robert. *Para entender a Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2005.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na Educação e na Política*. 2ª reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

McLAUGHLIN, M. & VOGT, M.E. *Portfolios in Teacher Educacion*. Newark: Internacional Reading Association, 1996.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrant Brasil, 1999.

PERINI, Mário A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português são dois... Novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.

**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002.